

Perniola, M. *Desgostos: novas tendências estéticas*. Tradução Davi Pessoa Carneiro. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010, 222 páginas.

Fran de Oliveira Alavina*

Não obstante tentativas contemporâneas de reafirmar certa tradição justificante da identidade reducionista entre Estética e Filosofia da Arte, o irrequieto pensador italiano Mario Perniola (1941) se opõe a tal atitude teórico-prática resignada ante as novas possibilidades de se pensar o estético. Segundo o autor, trata-se de uma atitude resignada, pois, se por um lado, limita a Estética em uma infecunda “pureza acadêmica”, por outro lado, não é capaz de reconhecer a crescente multiplicidade das novas experiências e manifestações estéticas.

Manifestações típicas de uma cultura marcada pela elevada importância dilatada do sentir, da *lógica da sensação*, ante o definhamento das reflexões marcadamente ideológicas. Trata-se, pois, de uma *lógica da sedução* que apela diretamente ao sentir, em detrimento de outras disposições antropológicas. Ao declinar das ideologias, se avizinha a aurora das *sensologias*. Justifica-se, desse modo, a necessidade de nova reflexão estética em tempos ditos *sensológicos*.

Cumprê, assim, pensar a possibilidade de um saber estético não cativo de limites gestados por discursos ínvios, porém capaz de considerar as vicissitudes da realidade concreta. Uma vez que na era das *sensologias*, somente considerada como *Teoria do Sentir*, a Estética é capaz de explicitar os novos fenômenos frutos da ampliação do horizonte estético. Sem, contudo, operar no campo de uma mera descrição da realidade.

Na unicidade de tais questões se fundamentam as reflexões de Perniola, em *Desgostos: novas tendências estéticas*. A obra é composta por onze ensaios, os quais, na primeira

* Doutorando em Filosofia pela USP. Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela UFOP. Bolsista do CNPQ. E-mail: ffilosofia@hotmail.com

parte, o autor percorre a gênese do conceito de gosto. Desde o cerne da reflexão moderna com a justificação kantiana do fundamento do juízo estético até os limites do desgosto atual que está além do *kitsch* e do mau gosto. Na segunda parte do livro, Perniola dedica duas agudas considerações sobre o pensamento de Luigi Pareyson e Guy Debord.

Com efeito, segundo Perniola, se a tradição estética moderna articulou as categorias de subjetividade e juízo estético como expressão maior do gosto desinteressado (elementos primordiais para autonomia da Estética como disciplina filosófica), a contemporaneidade aponta o primado do desgosto. Tal primado, contudo, não afirma a oposição entre gosto e mau gosto. Pelo contrário, Perniola assevera que a oposição entre o par *gosto* e *mau gosto* assenta-se, ainda, em certa noção “aristocrática”, embora a noção moderna de gosto apele ao consentimento de sujeito esclarecido e moralmente elevado, típico da Modernidade. Sujeito dotado da capacidade de bem julgar, ou seja, discernindo entre beleza da fruição estética original do bom gosto, e a feia falta de originalidade presente na mera cópia que, repudiada pelo bom gosto, repousa no mau gosto. Este, ademais, é passível de ser confundido com a falta de gosto. Desse modo, o exame reflexivo de Perniola realiza uma arqueologia do sentir contemporâneo, revelando, assim, uma inerente implicação entre estético e político. Tal questão é referida no segundo ensaio do escritor, intitulado: *O Desgosto da Violência: “Militiae sine Malitia”*.

O sentir atual, porém, sustenta Perniola, não opera somente segundo as distinções: belo e feio, ordinário e extraordinário, vulgar e elegante, natural e artificial. Por isso, o autor defende, com argúcia, que a positividade do desgosto não se explica como negatividade do gosto. Portanto, desgosto não se trata de mau gosto. Ora, se o cerne da oposição gosto/mau gosto é a consciência elevada e o sentimento refinado, impostação do registro tradicional da dignidade antropológica, o centro do desgosto é a sensibilidade atroz. Esta remete diretamente ao orgânico, ao visceral, em oposição às abstrações do sentir calculado pelo gosto refletido.

Põe-se, assim, uma ativação, quase espontânea, do sentir que não requer o cálculo das operações conceituais. Aliança, corrente no presente, tecida entre animalidade, homem e coisa: ou seja, entre orgânico e inorgânico. Com base em tal aliança, justifica-se o título de um dos ensaios mais inquietantes da obra: *Animais quase sábios, animais quase loucos*. Ao pensar a animalidade do humano, Perniola aponta que a reflexão estética pode ser capaz de recuperar uma consideração genética quer sobre as mais imediatas, quer sobre as mais profundas disposições antropológicas. Nesse sentido, o estético se despe de uma veste adotada na Modernidade, desfazendo-se de certa herança de pensamento que considera o homem no registro digno, porém limitado da *res cogita*, para se voltar ao sentido primeiro da Estética: a *aisthesis*. Trata-se, pois, de uma consideração dos espólios da Modernidade, retidos na Estética como saber filosófico elaborado, ao mesmo tempo, à sombra e no bojo do século das luzes.

Desse modo, do gosto ao desgosto há o afastamento de uma experiência sustentada no âmbito do sentir, como subjetividade profunda, para o *locus* do anímico, do impessoal, do distanciado e do deslocamento superficial: próprio das coisas, mas nem por isso negativo. Não negativo, posto que o sentir impessoal não se trata apenas de elemento teórico, porém um dos caracteres mais fortes da atualidade dita pós-ideológica. Nesse sentido, a obra de Perniola apresenta-se, de modo singular, entre outros escritos de estética filosófica elaborados no principiar de um novo século. *Desgostos*, é, sem dúvida, um escrito de grande préstimo para as possibilidades futuras da Estética, na tentativa de ser pensada como saber mais adequado para compreender a nova ordem prevalente. Uma vez que afastando-se do retorno ao belo e à arte, Perniola segue em uma nova via para a Estética, não dotando-a de uma velha face, confusa entre outras esferas do mundo da vida, mas buscando construir uma nova face – jovial, porém não ingênua: ou seja, não meramente reprodutora da ordem atual, não legitimadora do *status quo*. Saber que busca compreender o presente como efetividade afetiva, mas sem abandonar a crítica. Tal é um problema imposto aos que se dedicam a pensar o estético na atualidade: justificação de um novo estatuto disciplinar da Estética, sem desconsiderar a realidade

cultural presente. Nessa orientação, o pensamento de Perniola apresenta-se como singular tentativa de escapar, portanto, das sedutoras tentações de estetização da política, ou da certamente válida, contudo não justificada, débil identidade entre estético e político.